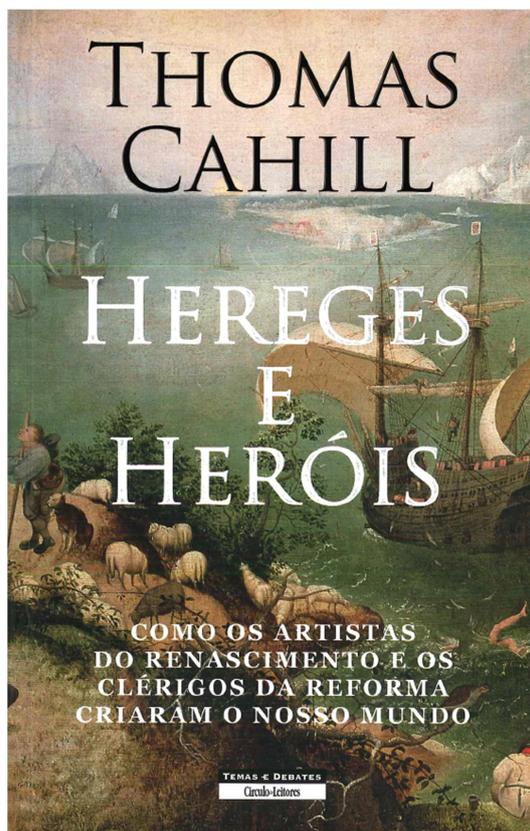


O admirável novo mundo criado no Renascimento e na Reforma

Mário Beja Santos¹, beja.santos@dg.consumidor.pt

Hereges e Heróis, Como os artistas do Renascimento e os clérigos da Reforma criaram o nosso mundo, por Thomas Cahill, (Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2016) reserva ao leitor comum uma leitura empolgante, uma viagem única nessa época em que a arte e a ciência, o papel do indivíduo e os valores religiosos ganharam dimensões radicais.

Thomas Cahill revela-se um notável comunicador, a sua narrativa irá centrar-se no arrebatador período histórico do Renascimento e da Reforma (dos finais do século XVI ao início do século XVII), em que tudo mudou as esferas do conhecimento científico, dos conceitos artísticos, em que o humanismo saiu vitorioso e os cristãos, já divididos entre Roma e as igrejas ortodoxas veio a sofrer uma nova pulverização que fez rever o cristianismo de cima à base



Os acontecimentos da Reforma não caíram de bandeja no palco da História só devido à litigância de Lutero contra as indulgências pontifícias. Há um muito antes que o autor nos desvela a partir do século XIII, um infundável rol de eventos em que na Sicília se repudiou a presença francesa, como a Europa sobreviveu à peste negra e se impuseram gigantes na literatura como Dante e Boccaccio; a mesma Europa em que crescia a olhos vistos o fosso entre o mundo dos camponeses e servos e o mundo dos senhores e bispos, a imprensa vai revolucionar a cultura, o mundo desencrava-se com a expansão marítima, a criação da Espanha irá suscitar a expulsão dos judeus e a criação da Inquisição. No mínimo, viveram-se tempos arrebatadores, revolucionou-se a escultura, a pintura, a literatura, os conceitos da beleza ganham maior aceitação, mostra-se o corpo nu, introduz-se a glorificação do retrato, é o momento exato do génio italiano que tem os seus expoentes maiores em dois gigantes polivalentes, Miguel Ângelo e Leonardo, mas o autor, numa prosa tão direta que raia a ficção, conta-nos a história desta aventura

¹ Aposentado na categoria de Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

a partir de Donatello, onde constam Masaccio, Piero della Francesca, Andrea del Verrocchio, Botticelli, Ghirlandaio, Filippino Lippi, Rafael, Caravaggio, Bernini.

Encarados umas vezes como heréticos ou contestatários perigosos, surgem novos denominadores do pensamento como Erasmo e a figura rutilante de Lutero, vive-se já numa atmosfera movediça em que o poder papal está em vias de contestação, tanto na Alemanha, como na Inglaterra como na Escandinávia, a dissolução de costumes à escala romana ateou o fogo, iniciara-se a Reforma, Thomas Cahill deixa-nos observações bem a propósito: “O que salvou Lutero e os seus progressivamente crescentes grupos de seguidores do destino dos lollardos e dos hussitas – isto é, de serem perseguidos e queimados nas fogueiras – foi o crescente poder dos príncipes seculares na Europa, já não simples servos dos príncipes eclesiásticos”. Lutero terá um papel capital nesta revolução religiosa, nenhum outro contestatário o poderá apelar da posição vanguardista, como igualmente observa o autor, a propósito dos combates entre ele e os defensores da continuidade: “Para os escolásticos, os filósofos medievais e renascentistas que dependiam da física e da lógica de Aristóteles, o mundo fazia basicamente sentido e tudo nele tinha um propósito. Aos olhos de Lutero, tal preceito era verborreia pagã. Um mundo não fazia qualquer sentido, porque não era mais do que um ciclo repetitivo sem fim de nascimento e morte. O verdadeiro significado, o significado com que temos de nos preocupar, o significado para nós provém apenas da encarnação de Cristo, o Deus Homem. A sua vida, o seu terrível sofrimento, a sua morte horripilante, a sua ressurreição – isso sim, dá-nos significado como nada mais poderá sequer aproximar-se de o conseguir”. Daí o peso que terá doravante a leitura e interpretação da Bíblia.

Tudo isto é vivido num contexto em que o perigo turco se aproxima da Europa, só a batalha de Lepanto irá reduzir a cinzas o sonho do sultão em dominar o Mediterrâneo. Vive-se na berma de um apocalipse, entre a utopia de Thomas More e a galhofa que Rabelais faz dos saberes universitários estandardizados. E apocalipse igualmente porque os cristãos viram-se contra os cristãos, de tal ordem que até católicos e protestantes se coligam para massacrar os anabatistas. E a Reforma expande-se e Roma responde com a Contra-Reforma, o novo equipamento aparece no Concílio de Trento, surge mesmo uma nova tropa religiosa, os Jesuítas. Esta a grande moldura histórica de “Hereges e Heróis”.

Esta estimulante leitura termina com uma reflexão sobre três personalidades que sabem olhar o cristianismo sem acintes nem vontade de derramar sangue: Dietrich Bonhoeffer, João XXIII e Muriel Moore, o primeiro resistiu ao nazismo, denunciou a perseguição de judeus, empenhou-se em estabelecer um seminário clandestino para ensinar estudantes que fossem cristãos genuínos em vez de nazis, o segundo, que terá sido escolhido para papa porque fizera uma carreira diplomática que em nada fazia supor o que veio a acontecer, o ter convocado o Concílio da Igreja Universal, o mostrar publicamente a sua preocupação em voltar a juntar toda a família cristã e a terceira, uma episcopaliana nova-iorquina que tinha amizades em todos os credos, amigos na sopa dos pobres, irlandeses, pastores protestantes.

E termina assim: “Se cristãos como Dietrich Bonhoeffer, Angelo Roncalli e Muriel Moore tivessem podido sentar-se juntos e conversar por uma hora ou duas, sem

interferências de carreiristas, oportunistas e fanáticos dos mais diversos quadrantes, a divisão do cristianismo já teria terminado e os cristãos já teriam conseguido o seu há muito almejado objetivo de reunião”.

De leitura obrigatória.